

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

“ Copas de de 1930 e 1950 – Uma abordagem comparada da imprensa uruguaia nos dois eventos”

Alvaro Vicente do Cabo

INTRODUÇÃO

Buscar compreender o “olhar” do outro é fundamental para esclarecer acontecimentos marcantes no âmbito da História, inclusive no campo esportivo. Investigar a visão vencedora nas finais de 1930 e 1950 pode ajudar a explicar os discursos nacionais elaborados neste país e entender melhor como os uruguaios eram representados enquanto povo valente, corajoso e vencedor pela imprensa local a partir de uma análise feita do próprio futebol praticado pela seleção “celeste”.

Os meios de comunicação ao longo do século XX adquirem um importante papel na definição da situação¹ para a formação de comunidades nacionais imaginadas. Entendo as representações geradas sobre um determinado povo, no caso em questão o uruguaio, a partir da definição de Nação de Benedict Anderson.

Assim, dentro de um espírito antropológico, proponho a seguinte definição de nação: uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana.

Ela é imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria dos seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON – 2008, 32)

Comparar as visões externadas e muitas vezes estereotipadas dos veículos jornalísticos é um exercício fundamental para analisarmos os fatos e as construções geradas, ensejando assim uma abordagem mais completa e verossímil.

O comparatismo nas investigações científicas pode auxiliar a interpretação simbólica dos discursos, bem como identificar a formação da alteridade enquanto elemento de afirmação nacional. Ter o outro como referência é primordial na formação de comunidades imaginadas, assim como na construção de uma memória coletiva e devido a este fato estarei utilizando a Metodologia da História comparada.

A partir de reportagens e crônicas coletadas na Biblioteca Nacional de Montevideu nos jornais: El Plata, El País, La Mañana, El Dia buscarei identificar

¹ A noção de definição de situação vem da Escola de Chicago e diz respeito ao processo de atribuição de sentido a uma situação social específica.

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

elementos do discurso propagado pela mídia uruguaia sobre os triunfos da seleção celeste, bem como as representações sociais ao longo do torneio e construídas com as contundente vitórias contra a Argentina no Estádio Centenário em 1930 o Brasil na final do dia 16 de julho de 1950, pomposamente conhecido em território “oriental”² como “Maracanazo”³

A realização das duas Copas do Mundo em países sul-americanos ocorreram em conjunturas históricas importantes pois a primeira Copa do Mundo foi realizada no Uruguai no período entre-guerras e coube ao Brasil organizar o torneio após a Segunda Guerra Mundial. Sendo assim a análise dos períodos históricos correspondentes será importante para o desenvolvimento do presente artigo.

A organização do primeiro campeonato de futebol em território uruguaio, em 1930, representava a consagração da sua força no esporte bretão, visto que o Uruguai havia sido bi-campeão olímpico em 1924 e 1928. A então “Suiça da América do Sul” teve a honra de sediar o primeiro torneio do esporte mais popular do mundo.

Outrossim, ele seria realizado no ano do centenário da organização constitucional do país, e a festa do mundial, consolidada principalmente com a vitória uruguaia, foi o principal elemento de celebração da nação.

En 1930 el Uruguay tenía cerca de 1.800.000 habitantes, de los cuales a cuarta parte correspondía a Montevideo. No fue un año cualquiera. El país celebraba el Centenario de la primera Constitución con diversos actos, y entre ellos inauguró el Estadio Centenario, donde la selección nacional ganó por primera vez el mundial de fútbol. (ARTEAGA – 2008,156)

A segunda Guerra Mundial interrompe os torneios de futebol, que desde o primeiro campeonato passaram a se realizar sistematicamente a cada 4 anos. Após o conflito armado, com o início do processo de reestruturação do cenário político mundial, intensifica-se em todo o planeta a organização de eventos globais, tanto esportivos quanto culturais.

Ao Brasil é dada a grande responsabilidade de sediar a IV Copa do Mundo, a primeira do período pós-segunda guerra. As autoridades brasileiras entenderam que era um momento de promoverem uma imagem grandiosa do país no

² Devido a sua localização geográfica, os uruguaios também são chamados de “orientais” na imprensa de ambos os países no ano de 1950.

³ Termo muito utilizado pela imprensa uruguaia para se referir ao triunfo sobre o Brasil na Copa de 1950 até os dias atuais.

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

exterior e se esforçaram para construir o maior estádio do mundo e organizarem um campeonato impecável.

A partir de uma análise criteriosa das representações sociais geradas pelos veículos de comunicação escolhidos e a importância atribuída pelos jornalistas à realização dos torneios, pretende-se perceber como a mídia impressa contribui para a construção de uma imagem da Copa do Mundo e do “uruguaio” a partir das suas reportagens e crônicas durante o evento.

Assim sendo, o objetivo central do presente artigo é comparar o discurso da imprensa nas finais das Copas do Mundo mencionadas, buscando interpretar a importância simbólica atribuída à realização do evento e com relação a algumas partidas disputadas, pelos jornalistas uruguaios, bem como as representações sociais geradas pelas matérias dos jornais escolhidos.

A visão da imprensa uruguaia sobre o “rival” derrotado no âmbito futebolístico também será analisada dentro do presente artigo, buscando abordar as construções geradas sobre o “outro” que são fundamentais para a própria compreensão da formação de uma identidade nacional.

Isto posto, uma abordagem comparada do discurso emitido pela imprensa uruguaia sobre as Copas do Mundo de 1930 e 1950 pode ajudar a compreensão dos estudos sobre as Copas do Mundo, principalmente o papel da imprensa esportiva como mediadora dos fatos durante a realização desses importantes eventos esportivos.

a) A grande final “rioplatense” – Uruguai 4 x 2 Argentina

No campo futebolístico a rivalidade ente Uruguai e Argentina já se materializava desde jogos entre equipes em 1900, dos certames entre as seleções a partir de 16 de maio de 1901 quando os argentinos venceram por 3x2 em solo uruguaio, o primeiro sul-americano em 1916 realizado na cidade de Buenos Aires como um dos eventos comemorativos do Centenário da Independência argentina vencido pelos uruguaios, além da decisão das Olimpíadas de 1928, ocorrida em Amsterdam.

A grande final “rioplatense”, como ficou conhecida a partida disputada entre Uruguai e Argentina que decidiu a primeira Copa do Mundo de futebol será o ápice de um momento de exaltação nacional veiculado no discurso dos jornais analisados.

O fato de ambas equipes enfrentarem-se na final da primeira Copa do Mundo ensejou uma dramaticidade ainda maior ao evento com o acionamento da memória da

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

final olímpica de Amsterdam em 1928 e dificuldades de prognósticos devido ao equilíbrio das equipes como pode se perceber pelas reportagens e manchetes anteriores a partida:

Uma das reportagens mais destacadas tinha como principal manchete “El equipo uruguayo tiene mejor defensa y el argentino mejor ataque. El resultado del match entre rioplatenses és tirar una moneda al aire” e alguns trechos da matéria denotam o clima antes do confronto:

Lo que puede augurarse sin mayor esfuerzo de pensamiento, es que harán una contienda brillante, algo así como una segunda edición de aquella decisión justa de Amsterdam. Decía que los resultados de los partidos son lógicos, pero justo es convenir esta vez en que la final de este certamen está encomendada a los equipos que mejores valores han presentado; su contienda és una prueba elocuente de la superioridad de la escuela sudamericana....
Ante la insistencia de dar un pronóstico concreto, diría que este partido es tirarse una moneda a cara o sello. El factor suerte, será decisivo. (EL País - N. 4126, 11)

A partida final do primeiro torneio mundial de futebol realizada em 30 de julho de 1930 foi marcada pela intensa rivalidade entre uruguaios e argentinos em uma disputa com seis gols que emocionou os espectadores presentes no Estádio Centenário. A equipe “celeste” saiu vencendo por 1 a 0, porém a Argentina virou o placar no primeiro tempo para 2 a 1. Na segunda etapa três gols uruguaios decretaram o campeão e a emoção do público presente e placar de 4 a 2 foi favorável aos donos da casa.

A própria descrição técnica da partida feita no jornal El País, que minuciosamente relatava os fatos ocorridos a cada minuto finaliza após o quarto gol devido a intensidade das comemorações no estádio conforme demonstra o trecho abaixo:

Después de este gol, convertido a los 44 minutos del tiempo reglamentario en el segundo half time, exceptuados lo que el referé creyó del caso adicionar, no le fue posible a los cronistas que tomaran esta versión taquigráfica del match, controlar el juego hasta que el referé lo dió por terminado, tantas fueron las dificultades provenientes del entusiasmo público (El País. N.4129, 9)

A principal manchete do Jornal El Dia destaca o forte teor emocional do espetáculo e remete a também a memória das conquistas olímpicas estampando em letras garrafais o título “Uruguay campeón del Mundo. Fue emocionante el **espectaculo** (grifo nosso). La conquista sobre Argentina fue tan amplia como merecida. Colombes 1924, Amsterdam 1928 e Montevideo 1930” . No início da crônica sobre a partida é possível perceber o ambiente, com o estádio lotado, diversas bandeiras uruguaias e forte presença da torcida argentina também:

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

Tras los muros del “Centenario”. Puertas adentro, desde la una no cabía un alma. Estaban ubicados los setenta mil afortunados de los ciento e cincuenta mil que habían solicitado su “ticket”. La hora se aproximaba. Veían se grandes banderas uruguayas y millares de pequeñas agitadas nerviosamente por los uruguayos, que ansiosos esperaban la salida de los campeones. En diversos sectores del grandioso “stadium”, multitud de insignias argentinas de distintos tamaños nos hacían creer que medio Buenos Aires estaba allí. (El Dia – N. 17276, 9)

Além do destaque assinalado ao caráter emocionante e espetacular da partida, o orgulho nacionalista da vitória nas crônicas e reportagens dos jornalistas uruguaios sobre o histórico rival no primeiro torneio e sobre o Brasil em 1950 é que vai ser objeto da nossa análise em detrimento das matérias técnicas sobre a partida.

Neste ponto, o acionamento da memória vencedora nos torneios olímpicos de 1924 e 1928 e as representações geradas sobre a força, valentia e coragem do povo uruguaio encarnados na mítica raça charrua são argumentos presentes no discurso midiático analisado tanto em 1930 quanto após a final de 1950.

Primeiramente destacaremos alguns trechos de crônicas do Jornal El Pais em 1930 que caracterizam bem a exaltação do triunfo através de um resgate da memória vencedora e a articulação de representações sociais que transcendem o terreno futebolístico:

Después de Amsterdam, esta de ayer es la revancha. Ha sido tan limpia la victoria; de tan incuestionable validez los goales que señalo nuestro team; tan neta la supremacia que empezaron a ejercer nuestros campeones en el preciso momento que el score nos era adverso, que todo eso unido a la valentía y a la moral que el team expuso cuando fué preciso vencer, que debemos pensar que ahora, como hace dos años, no se tildará nuestro triunfo, ni se le opondrán reservas egoístas, al margen de una recta lealtad deportiva. Seguiremos porfiando con nuestros hermanos los argentinos la superioridad del football mundial, pero reconózcase que en este momento esa superioridad la poseemos, y la ostentamos con un título que es la consagración que se debía a este pueblo lleno de sacrificios, fuerte e invencible en su culto por la vigorización del físico y del espíritu. (El Pais – N.4129, 9)

Os símbolos pátrios como o hino e a bandeira também são importantes elementos presentes no discurso vencedor pois ilustram a emoção e o sentimento nacional, porém a valorização dos atributos morais e do passado recente de conquistas continuam sendo fundamentais nas reportagens analisadas:

La emoción final. Mientras asciende al mástil de honor la bandera de la patria
La pitada del árbitro señaló que daba finiquitada la titánica lucha entre los dos colosos. Y, con ella, rubricadas por el éxito, los merecimientos del Uruguay, de este Uruguay pequeñito en extensión territorial, pero grande inmensamente grande, por sus valores morales, por la pujanza soberba, de su raza de sangre bravía, como buena sangre charrúa.

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

Los campeones, los vencedores de Colombes, de Amsterdam, y ahora de Montevideo rendían tributo al gigantesco esfuerzo realizado: a la imponente emoción que embargaba sus pechos valerosos y a la impresión extraordinaria que el aplauso delirante de todo su pueblo....

El himno de la patria, escuchado respetuosamente de pie por la inmensa muchedumbre, puso mayor dosis de emoción en todos los pechos.

(El País – N.4129, 10)

A emoção patriótica com o júbilo da vitória, o sentimento de honra de uma nação, de uma “raça” supostamente diferenciada representando não apenas a República Oriental do Uruguai, mas toda a América segundo outra interessante passagem são refletidas na crônica. “Estamos saturados de gloria”, denotando representações grandiosas a partir de uma “simples” vitória no âmbito futebolístico:

Por tercera vez hemos bebido en la copa de la gloria! Nuevamente desde ayer, cada uruguayo es un ser saturado de risueño optimismo, un triunfador que atrona el espacio con sus gritos de victoria; es otro hombre, más ardiente, más jubiloso, pletórico de vida. Por que el triunfo de ayer ha provocado tal conmoción en las manifestaciones de todo orden de nuestro pueblo, que éste aún estará transformado por espacio de varios días.

Y nosotros escribimos este artículo con la emoción patriótica de la hora, con la alegría infinita del triunfo, cuya onda ha difundido por el mundo, llevando el nombre de Uruguay en nota armoniosa y dulce.

El Uruguay todo, América toda, ha vibrado ayer jubilosa con el anuncio del triunfo; triunfo del Uruguay y triunfo de América, triunfo de todos los pueblos, que educan a sus juventudes en las manifestaciones sanas y nobles del deporte, que vigorizan la raza, contribuyendo al culto de las mejores virtudes espirituales. (El País – N.4129, 10)

- b) Acionamento da Memória vencedora e os estereótipos do futebol uruguaio: raça charrua e coração valente. O “Maracanazo”

As reportagens posteriores a histórica vitória uruguaia são também, obviamente, relatos emocionados, patrióticos e entusiasmados dos jornalistas uruguaio presentes no Estádio Mario Filho que exaltam a tradição até então vencedora do futebol uruguaio e reproduzem estereótipos sobre o estilo de jogo dos celestes: raça, valentia e coração.

Dentre eles gostaria de destacar primeiramente alguns trechos das crônicas e reportagens escritas pelo correspondente do jornal El País, Dionisio Alejandro Vera que são bastante emblemáticos. A crônica que versa sobre os detalhes futebolísticos da partida já tem um título bem ilustrativo do discurso mítico engendrado “Hubo calidad y grand tesón” .

Porém será analisada mais especificamente a crônica intitulada “El equipo compatriota ablandó primero al team rival y después conquistó al Público”, pois

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

podemos verificar o acionamento da memória das conquistas passadas e a exaltação do povo uruguaio em diversos trechos como por exemplo:

Hemos demostrado que el fútbol uruguayo no tiene parangón en la Tierra. Hemos reeditado las mejores hazañas de nuestros mejores tiempos deportivos., y quizá no sea exagerado expresar que esta de hoy es superior a Colombes, a la de Amsterdam y a la de Montevideo, porque se ha ganado en tierra extraña, con un cuadro que venía jugando mal, en medio de un clima realmente asfixiante por el público y la crítica ensobrecidos. Todo parecía estar en contra nuestra, pero para oponerse a tanto factor adverso y para neutralizarlos, quedaba la garra tradicional jamás desmentida de los uruguayos..... Es que volvíamos a ser campeones del mundo porque los muchachos tienen lo que tenían aquellos formidables orientales del 24, del 28 y del 30: calidad, garra y corazón, tres condiciones que jamás les fallaron y que han sido la fianza de nuestros sensacionales triunfos. (EL PAIS - N. 10.073,18)

O enaltecimento da raça uruguaia e o sangue “charrua” retornam miticamente em outra interessante passagem da referida crônica:

Tenemos que convencernos que existe algo adentro del jugador celeste que los impele al triunfo en los instantes de las grandes definiciones, algo muy grande que nada tiene y a lo que llamamos corazón, clase, coraje, pero que no es sino la combinación de todas esas virtudes fundamentales, que bien pudiéramos compendiar diciendo que es la sangre charrúa, esa sangre que nos diferencia, para enaltecernos, de todos los demás deportistas del orbe. (EL PAIS - N. 10.073 , 18)

A partir desse relato não seria possível identificar uma tradição inventada no modelo apresentado por Eric Hobsbawn⁴ de que o uruguaio, devido ao seu sangue supostamente “charrua” nasceu para ser vitorioso no futebol, graças a sua raça, coragem, valentia e sobretudo ao coração que engloba todos os demais fatores. O uruguaio da primeira metade do século XX teria nascido para jogar bola? O pequenino Uruguai seria então o país do Futebol?

Em trecho de uma das reportagens intitulada “Brasil despues del goal, se puso a la defensiva y esto lo condenó” do Jornal El Dia também é possível identificar representações semelhantes do jogador uruguaio que para os narradores seriam fundamentais para alcançar vitória:

⁴ Sobre o assunto ver “A Invenção das Tradições” de Eric Hobsbawn e Terence Ranger.

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

La técnica de este partido ha sido la moral, la garra, el corazón de los uruguayos, que no retrocede nunca, que no sabe de derrotas y que con una limpidez y un juego honrado, ha obtenido nuevamente el éxito.

La victoria obtenida radica, fundamentalmente, en dos cosas: en la capacidad anímica de sus jugadores y en el concepto del estilo de juego que había que realizar.

Al final parecía que nuestros jugadores estaban agotados. Caían al suelo y les contaba levantarse, pero no había ningún jugador brasileño que fuera con la pelota sin tener sobre él dos jugadores uruguayos que defendían el taneador y el partido. (El DIA - N. 24.372 , 10)

Outra reportagem do mesmo periódico cuja ênfase eram as comemorações dos uruguaios depois da vitória com o título “Maravillosa manifestacion de Jubilo y emocion, la del pueblo” acaba reproduzindo também as representações assinaladas, além de acionar em algumas passagens a memória vitoriosa das conquistas anteriores no seguinte trecho:

Y fue así. Tenía que ser así. Triunfaron los mismos varones de la estirpe que izó triunfante la enseña en Colombes, en Amsterdam, en Montevideo. Triunfaron porque no hay en el mundo, otros jóvenes de mayor habilidad para desplegar la técnica del juego y afirmar la profundidad de su ciencia sobre una entereza que se sobrepone a todas las adversidades. (EL DIA - N. 24.372 , 9)

Na mesma página em outra matéria, o chefe de esportes do Jornal El Dia Ulisses Badano ao comentar a partida atribui a vitória prioritariamente à “escola uruguaia” de futebol “Los Uruguayos jugaron sin “tácticas” pero impusieron nuestra gran escuela” . A exaltação da maneira de jogar futebol do uruguaio está muito presente nas diversas crônicas e reportagens.

É interessante assinalar que até mesmo nas descrições das jogadas é possível o acionamento de expressões como valentia e raça para justificar lances capitais da partida. O relato do segundo gol marcado pelo ponteiro-direito Ghiggia no jornal El Plata é um exemplo deste fato:

A los 34 minutos, lo uruguayos se colocaran en ganancia merced a una extraordinaria jugada del puntero derecho Ghiggia. Este atacó después de recibir la pelota de parte de Gambetta dando a Perez. El insider advirtió con toda claridad la situación favorable y devolvió la pelota al puntero que entró como una seta al área dejando atrás a Bigode y Juvenal para despedir en seguida un violento tiro cruzado que Barboza no pudo detener pese a que se estiro de forma extraordinaria, De esa forma los uruguayos se colocaran en ganancia en forma merecida por la **pujanza y valentía** con que actuaron en esta segunda etapa. (El Plata - n. 12558, 2-3)

O jornal *Acción* vai ressaltar também a garra uruguaia e o caráter épico e inesperado da vitória devido a uma possível má preparação da equipe. Na crônica intitulada “*.Y salió a Relucir la Garra Celeste*”, dificuldades também são ressaltadas:

Poco más difícil nos resulta en estos momentos en que estamos viviendo la gloria de una victoria no esperada traducir a nuestros lectores la hazaña mediante la cual por la cuarta vez nos hacemos dueños del título de Campeones del Mundo.

Se trata de una hazaña solo parangonable con la de 1924 ya que jamás un equipo nuestra fue tan pobremente organizada así como también integrada por elementos más carentes de la necesaria veteranía. (*Acción* - N. 622 , 12)

No periódico *La Mañana*, uma notícia com um depoimento do jogador Cea um dos representantes da geração vitoriosa das Olimpíadas de 1924 e 1928 e do torneio mundial de 1930, escrita pelo jornalista El pardo Flores termina estereotipando a equipe vencedora que segundo ele seriam “once leones” ou “once nuevo cruzados que se encaminaban tranquilitos, convencidos que para cumplir cualquier hazaña basta ser uruguayo y ponerse una camisa celeste sobre el pecho”. (*La Mañana* N.11.720 , 17/07/1950 Pg 13)

Assim sendo em todos os veículos analisados é possível encontrar a propagação de estereótipos sobre o futebol uruguaio que muitas vezes até transcendem o âmbito esportivo. A raça “charrua”, a garra celeste, o coração valente pulsando no peito dos jogadores uruguaio são representações presentes que buscam explicar sucesso do até então vitorioso futebol celeste, e até mesmo definir o seu estilo, a maneira do “oriental” jogar bola.

Seria neste momento a raça charrua, uma tradição inventada⁵, uma construção similar a construções semelhantes nos vizinhos do atual Mercosul “viveza criolla” argentina ou futebol-arte brasileiro?⁶ A decadência do futebol uruguaio talvez não nos permita mais refletir comparativamente no cenário atual, mas naquela conjuntura histórica o estilo uruguaio era o reflexo metafórico e estereotipado do povo que é vencedor nesse esporte, pelo menos nas representações sociais criadas após a final de 1950 no discurso da imprensa uruguaia e com muitos exemplos também na mídia impressa brasileira. A exaltação da raça, valentia e coração, do capitão Obdúlio Varela,

⁵ Conforme assinala Hobsbawn: “A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada de “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real, ou forjado a que eles se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. (HOBBSAWN 1997 ,10)

⁶ Sobre o assunto estilo de jogo brasileiro e argentino é interessante consultar trabalhos desenvolvidos por Ronaldo Helal, Hugo Lovisolo, Simone Lahud Guedes , Pablo Alabarces, Eduardo Archetti entre outros como por exemplo 4 artigos contidos na coletânea *Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional* que debatem o tema.

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

conhecido como “El Jefe Negro” não é um exemplo diáfano deste discurso até hoje reproduzido?

No interessante livro do jornalista uruguaio Franklin Morales, “ Maracaná – Los laberintos del caracter” apesar de se constituir em uma ótima referência sobre o assunto, muitas representações contidas nos jornais da época e nos depoimentos dos jogadores são reiteradas, inclusive sobre Obdúlio, o mito. Duas atitudes do capitão teriam influenciado no desfecho da partida ainda na primeira etapa. A primeira teria sido um desentendimento com o lateral Bigode ocorrido aos 28 minutos, o polêmico lance da suposta bofetada , e dois minutos depois um bico dado na bola pelo “Jefe Negro” para longe, em jogada disputada por Schiaffino e Danilo segundo o autor teriam sido fundamentais para o êxito uruguaio:

Ahora si estaban las cosas dentro del particular orden donde deseaba ubicar el partido. En cuestión de dos minutos y con un par de gestos, inpuso una autoridad paralela y, como en los tiempos del Deportivo Juventud o el Pascual Somma, en Maracaná tampoco los adversarios los miraban los ojos. Temían ver los desconsuelos del futuro.
(MORALES - 2005 ,537)

Neste sentido, podemos verificar até os dias atuais em reportagens que envolvem confrontos entre Brasil e Uruguai e livros sobre o assunto o acionamento da memória de 50 e representações do futebol uruguaio como uma escola de garra e vontade, mesmo com os péssimos resultados recentes da “tradicional” seleção “celeste”.

Considerações finais

Ao comparar o discurso emitido pela imprensa uruguaia na cobertura das finais das Copas de 1930 e 1950 podemos verificar as semelhanças na construção de um estilo de jogo “celeste” que transcende o âmbito esportivo e possibilita a identificação da própria nação.

O estereótipo do homem valente, da garra charrua enobrece o povo uruguaio e reverbera nas bases da nacionalidade de um pequeno país que na primeira metade do século XX torna-se vitorioso em um esporte que rapidamente conquista adeptos em todo o mundo.

No concerto das nações o futebol acaba representando para o Uruguai neste período um importante veículo de legitimação e uma ferramenta utilizada pela mídia impressa para construir uma imagem vitoriosa que desloca-se dos gramados e propaga-

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

se desde a moderna capital Montevidéo até os rincões do pequeno país. Segundo os historiadores Bouret e Remedi:

Debido a estos sucesivos triunfos deportivos los uruguayos consiguieron hacerse de una posición en el concierto mundial, y se ganaron un lugar en la historia y en el mapa. Estos triunfos constituyeron la apoyatura del mito del “poderío” del fútbol uruguayo, y por extensión, del mito del poderío de la pequeña nación – “como el Uruguay no hay (BOURET e REMEDI – 2009, 294)

Assim sendo, comparar o discurso dos jornais uruguaios nas partidas finais das Copas de 1930 e de 1950 possibilita discutir o papel da imprensa na “construção” do estilo de jogo de um país, além de observar a função da memória neste processo de formação de identidades nacionais a partir de representações coletivas.

REFERÊNCIAS

ARCHETTI, Eduardo P. Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARTEAGA, Juan José. Breve Historia Contemporánea del Uruguay – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

BOURET Daniela e REMEDI Gustavo. El nacimiento de la sociedad de masas (1910 - 1930). Montevidéo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CABO, Alvaro Vicente. “Copa do Mundo de 1950: Brasil X Uruguai – uma análise comparada do discurso da imprensa”. In MELO, Victor Andrade (org). Historia Comparada do Esporte. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

CARRIL, Juan A. Capelán. Nueve décadas de gloria. Montevidéo: Estampas SRL Realizaciones; 1990.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. Deporte y ocio em el proceso de la civilizacion. Madrid: Fondo de CulturaEconômica,1992.

GASTALDO, Edison Luis e GUEDES, Simoni Lahud (org) – Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

0086 - Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira do Cabo

HELAL, Ronaldo e LOVISOLO, HUGO. “Jornalismo e Futebol: argentinos e brasileiros ou do “odiar amar” e do “amar odiar” in Comunicação e esporte: diálogos possíveis/ org José Carlos Marques. São Paulo: Artcolor, 2007.

HELAL, Ronaldo.”’Jogo Bonito’ y Fútbol Criollo: La relación futbolísticas Brasil-Argentina en los medios de comunicación”. In GRIMNSON, Alejandro (Org.). *Pasiones Nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa, 2007.

HOBBSAWN, Eric J – Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade . Rio de Janeiro: Paz e Terra,1990.

HOBBSAWN, Eric J. e Ranger, Terence. A Invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

JORNAIS - Acción, El Dia, El Pais, El Plata, La Nacion, La Manaña

LUZURIAGA, Juan Carlos. *El football del novecientos: Origénes y desarrollo del fútbol en el Uruguay (1875-1915)*. Montevidéo: Ediciones Santillana, 2009.

MORALES, Franklin. Maracanã – Los Laberintos del carácter: Montevidéo; Ediciones Santillana, 2005.

MOURA Gisella de Araújo. *O rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas , 1998.

PERDIGÃO, Paulo. Anatomia de uma derrota: Porto Alegre; L&PM, 1986.